

AINDA SOBRE VIEIRA PINTO

Vanilda Paiva¹

¹ Professora aposentada da UFRJ. Pesquisadora Sênior do CNPq.

RESUMO:

Este artigo trata do populismo brasileiro e sua tradução ideológica através do nacional-desenvolvimentismo, desenvolvida no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) entre 1952-1960. Centra-se na obra de Vieira Pinto, como seu formulador final, através do livro *Consciência e Realidade Nacional*. Desde os anos 60 discute-se o significado desta obra, sem que tivesse chegado até hoje a uma conclusão sobre onde se encontraria a questão central de sua formulação. Este artigo apresenta o romantismo alemão, em especial a Herder, como a chave daquele trabalho. Ele identifica no radicalismo cristão do final dos anos 50 a presença de ideias características do romantismo e põe a obra a serviço da fusão entre o populismo tradicional latino americano (varguista, no caso brasileiro) e o populismo clássico, de origem romântica.

Palavras chave: populismo, nacionalismo, desenvolvimentismo, romantismo, educação.

Comentários e resenhas feitas entre os anos 50 e 60 aos livros publicados na mesma época pelo ISEB são raros, salvo no caso de *Consciência e Realidade Nacional* de Vieira Pinto (1960), sobre o qual contamos com artigos do Pe. Henrique Lima Vaz (VAZ, 1962), de Gerard Lebrun (LEBRUN, 1962) e de Michel Debrun (DEBRUN, 1962). Em 1965, Weffort apresentou uma interpretação global desta ideologia. Analisando o nacional desenvolvimentismo do ponto de vista de seu papel ideológico e político ele o interpreta como um “populismo ideológico”, como justificação e expressão espontânea da ascensão das massas e sua incorporação ao regime através da manipulação por líderes carismáticos e modernizadores. Ele define o nacionalismo como “um populismo mais refinado e menos eficiente, pois mais distante das massas populares” (WEFFORT, 1965:192). Neste sentido, o nacional-desenvolvimentismo – em sua origem – justificava e embasava o populismo varguista e, principalmente, sua política de massas dando-lhe, de forma organizada e fundamentada filosófica e sociologicamente, uma ideologia com princípios, objetivos, perspectivas, planos, mapa de alianças, regime político.

O nacional desenvolvimentismo (1952-1960) recebeu, dentro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), diversas formulações enfatizando aspectos

específicos. Mas, entre suas muitas nuances existiram duas formulações fundamentais – a que se inicia com os longos artigos de Hélio Jaguaribe (JAGUARIBE, 1953 e 1954) e a que a termina com o livro *Consciência e Realidade Nacional* (CRN - VIEIRA PINTO, 1960). O grupo de intelectuais que passou a se reunir no Parque Itatiaia desde 1952 se transforma no ISEB, justifica a evolução de seus membros da direita para as posições que marcaram o pós-guerra, sob o impacto da eleição de 1950, com a vitória da nova vestimenta do populismo colocada em ação por Vargas. Este havia, entre 1930 e 1945, acionado mecanismos industrializantes (desde a queima do café em 1930 com ressarcimento sob condição de aplicação na indústria, até as negociações para implantar a indústria siderúrgica no país) e outorgado direitos trabalhistas sob inspiração italiana (Consolidação das Leis do Trabalho), além de ter criado – por corporação – mecanismos de proteção social (como os Institutos de Aposentadoria e Pensões) todos providos de hospitais de qualidade e de mecanismos de aposentadoria.

Com o final da guerra e apeado do poder, ele funda um partido para agregar as classes dominantes em geral (incluindo as oligarquias tradicionais) e um partido trabalhista, destinado a congregar sindicatos e entidades ligadas às massas urbanas. Completará sua obra candidatando-se a Presidente já num regime democrático parlamentar, saindo-se vitorioso através de uma campanha populista. Vargas aparece não mais como o líder autoritário e ditatorial, mas como o defensor dos trabalhadores e da indústria. Assumiu-se como líder nacionalista que usou de artifícios para obter vantagens para o país e que lançou, nos anos 50, a campanha “O Petróleo é nosso”, criando a Petrobrás contra interesses internacionais imperialistas. Em retribuição ao apoio recebido dos sindicatos e das massas, Goulart, seu Ministro do Trabalho e herdeiro político, aumentou, de uma só vez, em 100% o salário mínimo. O percurso de Péron teve semelhanças, embora estivesse mais forte e organicamente assentado sobre os sindicatos. São ambos populistas, praticam uma política de relação direta com as massas (via comícios ou via rádio), cultivam a imagem de “pai dos pobres” e oferecem políticas protetoras em troca de apoio.

A eleição de Vargas coincide com assimilação, na América latina, dos escritos de Raul Prebisch (Comissão Econômica Para a América Latina - CEPAL) e da progressiva elaboração do “estruturalismo cepalino”, de colorido nacionalista e industrialista. O entusiasmo pela democracia representativa e pela dominância da burguesia industrial, derrotando as oligarquias agrárias – através da aliança com as massas ou o “povo” - aparece, no Brasil, no cerne do isebianismo (TOLEDO, 1977).

Ou seja, as forças que dominaram o Estado desde 1930, encaminharam-se para um modelo mais claramente industrialista e convenceram-se de que era possível conduzir as massas a votar nos seus candidatos e em seu líder carismático. O isebianismo será, ao mesmo tempo, sua tradução e sua proposta (PAIVA, 1980)..

Cada país latino-americano assimilou à sua maneira esta ideologia, inspirada no modelo acionado na reconstrução europeia. A dupla Keynes-Beveridge havia dado o tom: economia apoiada sobre a demanda de bens básicos de consumo (numa Europa devastada, porém contando com força de trabalho educada), com o surgimento de certo sentimento de solidariedade entre classes como resultado da guerra e com a disponibilidade de capital resultante do Plano Marshall. Os líderes europeus emergiram da guerra e a política de mobilização de grandes massas (como no nazismo e no fascismo italiano) foi derrotada e deixada para trás. Não eram, aliás, necessárias promessas de líderes carismáticos: o Beveridge Report propunha o Estado de Bem Estar não outorgado pelas lideranças, mas como modelo assumido pelos Estados, como complemento do keynesianismo. Sua tradução coincide com princípios que orientaram o varguismo no pós-guerra: nacionalismo, de progresso industrial sem ‘entregar’ o país “aos estrangeiros”, ou seja, de ação controlada pelo Estado.

O “primeiro” isebianismo corresponde à formulação de Jaguaribe. Naquele momento, a guerra entre varguistas e anti-varguistas estava no auge. Vargas se suicida em 25 de agosto de 1954. Com seu gesto, ele adiou o golpe anti-varguista e foi possível assegurar o governo Kubitscheck e, mais tarde, a chegada de Goulart à Presidência da República.

A ideologia isebiana se desdobrará na formulação de seus outros intelectuais importantes e podem ser observadas através dos escritos de Roland Corbisier, dedicando-se à cultura sob influência de Hegel (em especial da dialética Senhor-escravo), de Guerreiro Ramos, com a sua *redução sociológica*, reivindicando uma sociologia brasileira sob influência de Husserl² (propondo que puséssemos “entre parêntesis”, os juízos e interpretações forjados pela literatura produzida em outros países), do historiador Nelson Werneck Sodré sob influência do marxismo, de Cândido Mendes, ressaltando a importância do “tiers-mondisme”, das nossas relações com a África e a Ásia, e aqui introduzindo Memmi e Fanon. Compunha ainda este quadro

² Os isebianos parecem ter sido influenciados não diretamente por Husserl, mas através da tradução e da magnífica introdução do tradutor Paul Ricoeur *Introduction à l'Idée de E. Husserl*. Veja-se em Husserl, E. *Idées directrices pour une phénoménologie*. (1950) Paris, Gallimard, p. XI a XXXIX.

Álvaro Vieira Pinto, que fundiu ao nacional desenvolvimentismo correntes subjacentes a ideias que circularam ou que se gestaram nos turbulentos anos do final da década dos 50.

A formulação de Jaguaribe é produto daquela “ fase” vivida pela sociedade e pela vida política brasileira, mas também resulta também da influência das ideias que aqui aportaram, vindas principalmente, de autores franceses e alemães influentes no pós-guerra (Jaspers, Mannheim, Alfred Weber e outros, traduzidos pelo ramo mexicano da editora Fondo de Cultura Economica) e, claro, do keynesianismo, do Estado de Bem Estar e seus complementos.

O final dos anos 50 foi um período de radicalização, de encontro entre comunistas e jovens católicos³. Nesta evolução os cristãos enfatizaram a questão da injustiça e foram buscar suas fontes na Bíblia, mas também em católicos anarquistas (Proudhon) e em existencialistas cristãos (Mounier). Este conjunto os conduz á solidariedade com as massas miseráveis e sofridas vindas do campo e que – naquele período – se estabeleciam na periferia das grandes cidades (Recife, Rio, São Paulo), jogando luz sobre as condições de vida no campo e nas favelas.

O período 1958-1964 foi muito fértil em movimentos que pretendiam alfabetizar o povo (já que o voto do analfabeto era constitucionalmente proibido), conhecer sua cultura ou transmitir outros conhecimentos, construir as bases para a organização das massas e o voto “progressista”. A formulação de Vieira Pinto nasce desta realidade em movimento, já diversa da primeira metade dos anos 50. Ele encontrou no ISEB as teses em torno das quais trabalhar. Como católico tradicional, ele fez parte das hostes integralistas e mudou suas posições políticas a partir da eleição de 1950. Nesses 10 anos, ele aderiu às teses populistas não apenas no sentido tradicional (manipulação das massas por liderança carismática), mas no sentido clássico progressivamente assimilado pelos jovens católicos (induzindo a verdade do povo, valorizando sua cultura e seus conhecimentos, na segunda metade dos anos 50). Para tanto, ele sequer precisou das fontes utilizadas pelos católicos progressistas (Proudhon, Mounier, etc.), porque conhecia profundamente o romantismo alemão e suas consequências (como o populismo russo). Ele também se nutre de uma bibliografia⁴ que não tinha ainda recepção ampla por aqui.

³ A denúncia de Stálin em 1956 modificou posições e posturas, num momento em os jovens católicos abriram-se aos problemas sociais e assumiram posições políticas radicais, facilitando a aliança.

⁴ Existe até hoje, no Brasil, preconceito contra os autores românticos, o que bloqueou, por muito tempo, a entrada de sua vasta bibliografia no Brasil.

Uma vez publicado seu livro CRN e já nos anos 60, alçado à direção do ISEB (já depurado de muitos de seus intelectuais iniciais, que passaram à política partidária ou foram aliçados como "entreguistas"⁵) num clima de radicalização em que o PCB e a Ação Popular eram parte da aliança de apoio de Goulart, tais partidos (em especial o PCB) precisavam de um "setor auxiliar", pessoas com poder institucional aliados, mas não militantes. Vieira Pinto soma-se aos que pensam tomar o poder e coloca o ISEB à disposição desta nova aliança, que sua formulação do nacional-desenvolvimentismo compatibiliza. É assim que o ISEB chega a ser a primeira instituição a ser fechada depois do golpe militar de 1964.

Isto não significou o desaparecimento de tal ideologia. Ao contrário. Os governos militares assumem o poder e, ao mesmo tempo, parecem iniciar o último episódio do Ciclo Militar (1889-1985) e o fim do Ciclo Populista. Os militares teriam praticado um "nacionalismo distorcido" (como patriotismo e adesão ao regime) e um desenvolvimentismo "entreguista" que pretendeu ocupar o território, construir a fracassada Transamazônica e preservar a Petrobras, colocando-a nas mãos de Ernesto Geisel. Mas, sobreviveu, sobretudo, como ideologia na resistência ao regime militar e emergiu nas forças políticas que assumiram o Estado, quando da sua queda em 1985. O modelo calcado na demanda mostrou-se nas reformas do governo Sarney, em especial na reforma Funaro (1985). Mas foi apeado do poder nos anos 90 com Collor de Mello, para reaparecer num novo ciclo populista que, com aspectos peculiares, dominou o panorama latino americano nas últimas décadas.

Como ideologia estruturada, em diferentes roupagens, difundiu-se por toda a América Latina, logrou impor-se como cultura política subjacente a outros conjuntos, com adições ou misturada a ideais diversos e/ou a ambições de conquista e manutenção do poder de grupos militantes com próprios objetivos claros ou difusos. Difundiu-se aos pedaços na vida intelectual do continente logrando chegar ao século XXI, mesmo que não pudesse sobreviver "pura" no confronto com a realidade sócio-política. Mas, associada aos restos do peronismo, ao petismo, ao chavismo, foi apropriada por grupos que acreditaram estar respondendo à história concreta do momento e a suas surpresas. Surgiu também no suporte ao bolivarianismo.

No caso argentino, o anti-peronismo visceral das forças armadas empurrou para alianças, que ali surgem muito cedo, entre peronistas e marxistas – um populismo de

⁵ Como foi o caso do próprio Jaguaribe, após publicar seu livro de 1958.

quadros. Associou-se também ao amplo movimento indígena que havia antes de se expressado na revolução boliviana de 1952, na reação ao golpe contra Jacob Arbenz em 1954 na Guatemala, e atingiu os maiores países indígenas do continente meio século depois (Equador, Peru, Bolívia).

No Brasil, o curso tomado era necessariamente distinto. Único país sem movimento próprio/significativo de independência e respectivos heróis, foi transformado em sede de um imenso Império no momento em que o resto do continente se sublevava contra o colonialismo. O Brasil começou a ter um curso político mais próximo dos demais países do continente a partir do fim do Império, com a deposição do Imperador por militares positivistas, influídos pela revolução francesa e a guerra de secessão americana, e com a retomada do poder pelas oligarquias no início do século XX. Sua história é diversa do resto do continente, seu processo de industrialização já se faz ligado à grande indústria, mas a força do nacional desenvolvimentismo e do populismo o aproxima de seus vizinhos nos últimos 70 anos.

E, embora o novo populismo tenha sua origem num longo processo de rejeição ao comunismo estalinista e ao autoritarismo, na evolução da esquerda católica, também se nutriu do modelo estrutural-industrialista-nacionalista-populista, assimilou a visão de “esquerda” dominante no continente e terminou por apoiar regimes bem pouco democráticos. A tentativa de aprofundar rapidamente, mesmo sem as condições de financiamento necessárias, um modelo calcado na rápida ampliação da demanda (Rousseff) foi uma das razões da crise fiscal. A visão de Estado que termina por prevalecer no PT é aquela de um “partido de quadros” no interior de uma organização que se utiliza de um populismo mais amplo.

Vieira Pinto justifica, em CRN, um novo populismo, muito mais abrangente, que entrelaça o populismo clássico, que não fazia parte da tradição brasileira, ao populismo latino-americano desde Perón e Vargas. Deste modo, chegamos à segunda metade da segunda década do século XXI pagando tributo a um modelo visível e teorizado na segunda metade dos anos 50, justificando as políticas de sobrevivência ideológica de lideranças populistas de sua primeira metade.

O papel de Vieira Pinto: o entrelaçamento das versões dos populismos.

O populismo clássico, no qual pesquisa-se a cultura popular para conhecê-la e valorizá-la, reconhecer o “povo” simples, as características nacionais, as formas de

pensar e viver da população é algo que aparece entre os séculos XVIII a XIX. Surge num período no qual Estados Nacionais se afirmam, com correspondente reconhecimento de povos ou etnias e valorização dos camponeses. Foi assim nos Estados Unidos, na Suíça e sobretudo na Rússia, sempre ligados a movimentos do campo (LACLAU, 1978: 149ss). Surge na América Latina somente quando da radicalização do pensamento social católico – ou seja, emerge ao mesmo tempo que o nacional desenvolvimentismo, o surgimento das ligas camponesas e bebe nas fontes do anarquismo e do existencialismo cristão. Nos países anteriormente citados eram movimentos de um campesinato altamente conservador, salvo no caso russo, que é bem mais complexo - porque tem ligação com a valorização dos eslavos e sua cultura (Herder), com o estudo do barão de HAXENHAUSEN (1847) sobre a comuna camponesa russa (*mir*) e com a tradução imediata de *O Capital* do alemão ao russo. Vem da Alemanha a fundamentação daquilo que será conhecido como populismo russo, abrindo caminho para uma intelectualidade populista russa com Herzen, Lavrov, Chernysevskij, Lavrov e outros (VENTURI, 1952). A abertura das universidades a setores populares propiciou o movimento de “ida ao povo”, duramente reprimido. A longa polêmica contra os populistas permeia os escritos de Lenin do final do século XIX e desembocam no famoso artigo “Quem são os amigos do povo”?⁶ (LENIN, s/d).

A questão econômica central dos teóricos populistas diz respeito ao papel do mercado interno para o capitalismo e a catástrofe que poderia significar a ruína do campesinato, pois ela implicaria numa redução do mercado⁷. O Brasil nunca foi um país com economia apoiada sobre o campesinato, mas o movimento de camponeses no nordeste que, de acordo com o ciclo do açúcar, eram arrendatários autossuficientes ou mão de obra barata na colheita da cana, começou em Pernambuco nos anos 50, espalhando-se e radicalizando-se na Paraíba em consequência não apenas do clima ideológico do período e a presença de movimentos mais amplos, mas principalmente da penetração do rádio de pilha e da construção de rodovias que quebraram o isolamento do campo. Nos anos 70, a Igreja da Paraíba incentivou os camponeses a buscar os direitos que lhe eram assegurados pelo Estatuto da Terra, porque sua conexão visceral tradicional estava no campo e seu modelo ideal era o da pequena propriedade rural. No

⁶ A principal polêmica de Lenin foi contra o populismo, em especial na sua versão econômica, até desembocar no famoso artigo “Wer sind die Volksfreunde?”

⁷ Para acompanhar a polêmica leia-se em LENIN, s/d, vol. 2. *Zur Charakteristik der ökonomischen Romantik* (p. 120-264) e *Perlen volkstümlicher Projektmacherei* (p. 469-500) e *Auf welches Erben verzichten wir?* (p. 502-547).

entanto, este modelo nunca logrou se estabelecer amplamente aqui. Por outro lado, o sentido contrário tomado por Lenin e levado às últimas consequências por ele e por Stalin, também não deu bons frutos. Esta é uma discussão em relação à qual os intelectuais russos são conscientes das semelhanças e diferenças, mas ela nunca chegou verdadeiramente aqui.

O movimento de Vieira Pinto, ao escrever CRN, é hoje, bem mais claro. Ele encontrou uma ideologia à qual se converteu e colocou sua erudição a serviço de sua fundamentação, propondo conceitos-chave (como consciência ingênua e consciência crítica), desenvolvidos levando em conta seu conhecimento teórico e suas experiências pessoais na sociedade brasileira⁸. Como intelectual católico toma conhecimento da erupção de um novo populismo nesses meios, entendendo mais que ninguém suas verdadeiras origens no romantismo alemão. Como Vieira Pinto não cita suas fontes ele dificulta a identificação dessas fontes últimas, desconhecidas mesmo pelos radicais católicos brasileiros, embaralhando o tabuleiro até para aqueles que conheciam bem seus desdobramentos através dos *naradoniks*⁹. Ao fazê-lo, ele “funde” versões do populismo bem diferentes e oferece o nacional desenvolvimentismo, como ideologia para ambos. Fez um trabalho que serviu, ao mesmo tempo, a setores liberais, aos comunistas e à esquerda católica, permitindo que esta bandeira chegasse a nossos dias – seja na pedagogia de Freire, seja na forma de bolivarianismo, de todos os derivados continentais do estruturalismo cepalino e do novo populismo latino americano. Nele é difícil escapar ao círculo vicioso em que a democracia nasce do povo, mas este já recebe pronto o macro modelo, o que deve pensar, como deve agir e reagir. Em suma, ele compatibiliza autoritarismo e basismo: a vanguarda pensa, mas induz do povo este pensamento (PAIVA,1982) e esclarece a ambiguidade entre autoritarismo e ideais libertários dos autores que dele se nutriram.

Mais amplamente, Vieira Pinto tenta reconciliar racionalismo e romantismo. Ao mesmo tempo em que se apoiaria em Kant, como ressalta Norma Cortês (CORTÊS, 2003), ele parece retornar ao clima do *Sturm und Drang*¹⁰, ou seja, ao ambíguo momento anterior à oposição ao racionalismo kantiano. Ele segue o apelo de Herder para a valorização do povo comum e sua cultura.

⁸ A “consciência ingênua” que ele descreve era das classes dominantes. Vai ser reinterpretada por Freire como a consciência dos pobres, analfabetos, que se deixavam explorar.

⁹ Penetraram aqui amplamente a partir das pós-graduações em antropologia.

¹⁰ No *boom* da produção intelectual alemã (1750-1770), o racionalismo iluminista e tendências que a ele se contrapõem ainda se encontram misturadas e pouco definidas. Assumem forma com a obra de Kant e com o movimento pré-românico *Sturm und Drang* (1770-1788) - “Tempestade e Ímpeto”.

Enquanto a construção das teses do nacional desenvolvimentismo é racional, apoiado sobre o trabalho categorial, o populismo clássico deita raízes na adesão emocional, irracional. É, neste sentido, mais “autêntico”, nasce de raízes religiosas e visa não a manipulação, mas a expressão das massas (LE BLANC et alii, 2003). Emerge do romantismo que, por sua vez, também tem berço religioso: o pensamento protestante (BENZ, 1968). Hamman (o chamado ‘ mago do Norte’ (BERLIN, 1993) e Herder (DENKENS, 2003) defendem a fé, o sentimento, a paixão, o instinto, a autonomia e a liberdade (contra as leis), a imaginação e a genialidade (contra as regras), a intuição. A sabedoria seria fruto da árvore da vida e não do conhecimento. A existência, a experiência, a subjetividade de todos estariam no extremo oposto da razão finita, da objetividade da ciência. Herder pretende restabelecer os direitos do povo com base na análise de seu próprio poder de conhecimento – um pensamento e uma linguagem profundamente populares, ancorados “na própria natureza do homem”, na empatia: a essência da cultura de um povo seria a realidade vivida, a cultura popular: “O sentimento é tudo e sua expressão mais originária, elementar e sua sensibilidade é a poesia – a poesia do povo, na qual o coração fala diretamente... sem o controle da compreensão lógica” (HERDER, 1893).

O progresso de nada serviria se não se torna prática social, se as ideias de bem estar do povo não são aplicadas, se não se transformam em justiça social e virtude política (KOEHEN, 2003). A moral suprema seria aquela do coração. Os românticos trabalham as condições históricas de surgimento dos grandes monumentos poéticos da literatura medieval (HOLTERSCHMIDT, 2000), a partir da poesia popular. Elas constituem o âmago das grandes epopeias - que nascem dos contos populares, dos romances e canções. A herança cultural milenar do povo em sua vida em comum no campo é fonte para a organização social – no caso russo, resultou na ampla mitificação do “mir”. Entre nós, assumiu a forma de “mutirão” (trabalho solidário que de origem rural, que se transfere para as cidades e é visível sobretudo na construção das casas), que terminou sendo a base o nome das cartilhas de alfabetização¹¹ do Movimento de Educação de Base (MEB), controlado pela Igreja Católica, mas entregue à sua juventude universitária.

É neste primeiro romantismo, parece-me, que Vieira Pinto vai apoiar sua defesa do populismo clássico em surgimento, de modo a conectá-lo ao populismo varguista.

¹¹ A Cartilha que substituiu “*Viver é Lutar*”, apreendida por trazer a foto da Liga Camponesa de Sapé na capa, se chamava *Mutirão*.

Romantismo e o Iluminismo franco-escocês-kantiano são as duas principais orientações intelectuais antagônicas dos últimos séculos, mas jamais se separarão completamente. E, se o romantismo foi acusado de ter sido usado pelos totalitarismos de direita (a valorização do afeto como forma de organizar e submeter as massas no fascismo), o racionalismo não ficou atrás no que concerne ao totalitarismo de esquerda (restrições à liberdade individual). Muito cedo, Herder e Lessing viram a possibilidade do mau uso político da razão instrumental, do racionalismo levado às últimas consequências, e esta questão aparecerá posta claramente e tratada teoricamente dois séculos depois por Adorno e Horkheimer (ADORNO/HORKHEIMER, 1969), quando foi retomada até os nossos dias. Sua fusão na obra de Vieira Pinto dará respaldo – em novas condições históricas, 60 anos depois – a um populismo cujo fundamento continua sendo irracional e manipulador, mas que se liga mais concretamente às necessidades das massas, lançando mão de um modelo econômico que já não pode ser autenticamente keynesiano, mas que ainda se apoia sobre a demanda, o consumo de massa, sobre a regulação do Estado e que procura chegar ao poder pela via eleitoral.

A tendência, nos nossos dias, é de considerar que Vieira Pinto – influência difusa no meio intelectual mais amplo - logrou influenciar profundamente apenas um intelectual brasileiro. Seu grande discípulo foi Paulo Freire (FREITAS, 1998)¹², altamente difundido por todos os cantos do planeta. Este encontrou em Vieira Pinto, entrelaçados, nacional desenvolvimentismo e radicalismo cristão como base importante da evolução política que chega até nossos dias e que permite justificar igualmente formas novas e mais modernas de populismo.

Referências

- ADORNO, Theodor/ HORKHEIMER, Max. (1969) *Dialektik der Aufklärung*. Fischer Verlag, Ffm.
- BENZ, Ernst (1983) *The mystical sources of German Romantic Philosophy*. Allison Park, Pickwick Publ. (curso dado no College de France em 1963 e publicado em francês em 1968).
- BERLIN, Isaac (1993). *Le Mage du Nord – critique des Lumières*. Paris, PUF.
- CORTÊS, Norma. *Esperança e Democracia. As ideias de Álvaro Vieira Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003. (Coleção Origens)
- DENKENS, Olivier. (2003) *Herder*. Les Belles Lettres, Paris
- FREITAS, Marcos Cezar de (1998) *Álvaro Vieira Pinto - A Personagem Histórica e Sua Trama*, São Paulo, Cortez, 1998
- HAXENHAUSEN, A.. *Studien über die inneren Zustände, das Volksleben und insbesondere die ländlichen Einrichtungen Russlands*. Hannover, 3. Vols., 1847.
- HERDER, Johann Gottfried (1799) *Verstand u. Erfahrung. Metakritik zur Kritik der reinen Vernunft*, Stuttgart.
- HERDER, Johann Gottfried (1893). *Stimmen der Völker – Volkslieder. Gesammte Werke*. Erster

¹² Ideia levantada por Marcos César de Freitas em entrevista concedida a José Ernesto de Faveri. Implicitamente ele, assim, revê as teses que defendeu em seu doutoramento (FREITAS, 1998).

Teil, zw. Abteilung. Eingeleitet u. Hrsg.von Dr. Henrich Meyer, Stuttgart, Union Deutsche Verlagsgesellschaft, Deutsche National Literatur, Band 74,2. Göttingen.

HÖLTERSCHMIDT, Edith.(2000) *Die Mittelalter-Rezeption der Bruder Schlegel*.Paderborn, Ferd. Schöningher.

HUSSELN, Edmond. (1949) *Ideen*. Paris. Tradução e Prefácio de Paul Ricoeur.

JAGUARIBE, H. *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*, Rio de Janeiro, MEC/ISEB, 1958.

JAGUARIBE, Hélio A crise do nosso tempo e do Brasil. *Cadernos do nosso tempo*. Rio de Janeiro, Ano II, nr. 2, 1954, p. 1-17.

JAGUARIBE, Hélio. A crise brasileira. *Cadernos do nosso tempo*. Rio de Janeiro, ano I, nr. 2, 1953, p. 120-160.

KOEHN, Bárbara. *La Révolution conservatrice et les elites intellectuelles (2003)*. Presses Univ. de Rennes.

LE BLANC et alii (2003) LE BLANC, Charles/ MARGANTIN, Laurent/ SCHEFER, Olivier.(2003). *La forme poetique du monde. Antologie du romantisme allemand*. Paris, José Corti.

LENIN WERKE (s/d), volume 2, Berlin, Dietz Verlag

PAIVA, Vanilda. Anotações para um estudo do populismo católico no Brasil.. In: Paiva, V.. *Perspectivas e Dilemas da Educação Popular (1982)*, Rio de Janeiro, Graal. .

PAIVA, Vanilda. Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.(3ª. Edição, Graal, 2001).

TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo, Ática, 1977.

VAZ, Henrique de Lima. Consciência e Realidade Nacional. *Síntese*, Rio de Janeiro, ano IV, nr. 14, abr/jun.1962.

VENTURI, Franco (1952) *Il populismo ruso*.3 vols, Turin, Einaudi,

VIEIRA PINTO. Álvaro.(1960) *Consciência e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro, MEC/ISEB.

WEFFORT Weffort, Francisco. "Política de massas." In Otavio Ianni (ed.) *Política e revolução social no Brasil* (Rio de Janeiro, 1965).